PLANEJAR PARA INCLUIR: OS DESAFIOS DOS PIBIDIANOS FRENTE À DIVERSIDADE DA SALA DE AULA

Camila Viana de Oliveira[1];

Joseane Abílio de Souza Ferreira[2]

Resumo

Este artigo tem como problema de pesquisa: refletir sobre os desafios dos pibidianos de realizar planejamentos inclusivos que promovam a diversidade encontrada dentro da sala de aula. Assim, discutimos nesse escrito o quanto o planejamento educacional caracteriza-se como uma ferramenta fundamental dentro do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), pois é a partir dele que se entende quais as estratégias devem ser usadas dentro da sala de aula e como usar o planejamento para incluir todos os alunos nas aulas. É essencial se pensar a complexidade de planejar para turmas heterogêneas, principalmente tendo em vista os alunos com necessidades educacionais especiais que necessitam de mais atenção. Nessa direção, o objetivo desse artigo buscou refletir os desafios que os pibidianos enfrentam diante do planejamento educacional para salas de aulas com alunos diversos. O referencial teórico foi construído a partir dos estudos de: Batista (2024), Libâneo (1990), Mantoan (2015), Nóvoa (1992). Assim, como procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa a partir de uma pesquisa de campo realizada na Escola Francisco Francelino Moura. Os resultados evidenciam que a experiência no PIBID favorece a junção entre teoria e prática, proporcionando ao universitário uma visão mais crítica sobre o planejamento inclusivo. Conclui-se que a formação docente é um processo contínuo, sendo o planejamento um instrumento pedagógico que precisa ser utilizado de maneira intencional, visando atender as singularidades dos estudantes e promover práticas pedagógicas mais inclusivas.

Palavras-chave: Planejamento pedagógico. Educação inclusiva. Formação docente. PIBID.

Introdução

Este artigo tem como temática refletir sobre os desafios enfrentados pelos pibidianos ao planejar práticas pedagógicas que incluam a diversidade presente em sala de aula. Assim, o problema de pesquisa buscou compreender como os pibidianos enfrentam os desafios de planejar práticas pedagógicas inclusivas em salas de aula heterogêneas.

Atualmente, a educação básica é um espaço marcado pela diversidade de crianças, principalmente com deficiência, distúrbios de desenvolvimento ou altas habilidades, que precisam de um ambiente inclusivo e adaptado às suas necessidades. É necessário pensar a inclusão como um direito de todos e um desafio que vai além da prática e do planejamento docente. A maior parte das salas de aula das escolas públicas é compostas por turmas

[1] Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), Catolé do Rocha, PB, Brasil, e-mail: camila20240001046@alu.uern.br

[2] Professora Orientadora do Departamento de Educação do *Campus* Avançado de Patu (UERN), e-mail: joseaneabilio@uern.br

heterogêneas, nas quais, além dos professores, atuam profissionais de apoio que cuidam e supervisionam as crianças atípicas. Batista (2024, p. 17) destaca a importância de um trabalho em conjunto para tornar a escola um espaço inclusivo:

> Uma escola para todos exige uma gestão que apoie a equipe de educadores, partindo do pressuposto de que todas as pessoas que trabalham na escola são educadoras, desde os porteiros, os responsáveis pela limpeza, pela alimentação, até os professores, coordenadores e diretores.

Nesse sentido, é crucial pensar no planejamento pedagógico como elemento fundamental da prática docente. É notório que a aprendizagem constante dos alunos e o avanço da sala como um todo são reflexo de um bom planejamento e de uma boa organização. Quando se pensa em planejar uma aula, é comum que, no entendimento da maioria das pessoas, isso seja apenas para definir que conteúdos vão ser trabalhados durante o dia ou a semana, porém, também é importante pensar estratégias inclusivas, que façam com que todos os alunos participem e aprendam. “O planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino.” (Libâneo, 1990, p. 221).

Sob esse viés, percebe-se que a diversidade vista em sala de aula pode ser notada em diversos aspectos, desde os ritmos de aprendizagem até as crianças com deficiências ou transtornos. Por isso, a importância de se pensar no planejamento e na flexibilidade curricular dos professores, para que possam não apenas apresentar o conteúdo, mas também propor práticas diferenciadas que incluam e façam com que todos participem das aulas. “A inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral.” (Mantoan, 2015, p. 28).

Os desafios com a inclusão não surgem com o professor dentro de sala, mas aparecem já na universidade durante sua formação. Diante disso, destaca-se a relevância de projetos que tragam experiências práticas para compreender a inclusão na realidade escolar. O PIBID é um programa fundamental de política pública de formação inicial que ajuda professores em formação a terem um contato mais profundo com a escola, na qual podem vivenciar de perto situações reais de ensino e, assim, aprender na prática a desenvolver um olhar inclusivo e um bom planejamento pedagógico que considere todos os alunos. “Diante dessas novidades, a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor nem anulando e marginalizando as diferenças nos processos pelos quais forma e instrui os alunos.” (Mantoan, 2015, p. 22).

Portanto, deve-se refletir qual a melhor forma de os pibidianos planejarem suas ações diante de salas diversas e quais desafios surgem desse processo. Este estudo tem como objetivo geral refletir acerca dos desafios que os pibidianos enfrentam diante do planejamento educacional para salas de aula com alunos diversos, a partir de uma pesquisa bibliográfica e de reflexões da experiência da autora dentro do projeto.

Metodologia

Esta pesquisa se baseia em um estudo bibliográfico, em uma pesquisa de campo e apresenta abordagem qualitativa, com o objetivo de refletir sobre os desafios enfrentados pelos pibidianos ao planejar buscando incluir a diversidade presente em sala de aula. Sob essa perspectiva, "a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento" (Bodgan; Biklen apud Ludke; André, 1986, p. 11).

A pesquisa ocorreu em uma turma do 2º ano do ensino fundamental, na Escola Francisco Francelino de Moura, na cidade de Patu – RN, no período do primeiro ano do PIBID, sob a supervisão da professora Paula Fernandes Queiroz, no qual a autora e sua dupla no programa, Ellen Vitória Pereira Silva, fizeram parte. A análise deste estudo partiu de vivências da autora em sala de aula e de suas observações sobre como trazer planejamentos que fossem mais inclusivos no programa.A partir dessas abordagens, é possível analisar a teoria sobre como estudantes do curso de pedagogia que participam do PIBID podem planejar visando incluir a diversidade, e na prática como isso realmente funciona na sala de aula.

As experiências vivenciadas foram analisadas com base em referenciais teóricos que discutem o planejamento educacional, a formação de professores e a inclusão. Nesse sentido, as observações feitas ao longo da prática foram interpretadas com base em autores que tratam do planejamento educacional e de como incluir crianças com necessidades educacionais especiais, permitindo refletir sobre formas de planejar na perspectiva da inclusão.

A pesquisa teve como foco o planejamento inclusivo, buscando observar e refletir melhores maneiras de trazer atividades mais interativas e inclusivas que reforçam a aprendizagem e visam abranger a diversidade presente na sala de aula.

1. O planejamento pedagógico como prática intencional e flexível

É fundamental entender que o planejamento vai além da organização de conteúdos. Ele deve ser visto como um ato consciente do docente. Dessa forma, não é apenas uma exigência burocrática, mas uma escolha pedagógica que relaciona planejamento e intencionalidade, mostrando que cada conteúdo ou brincadeira trazida para sala de aula tem uma intenção.

Libâneo (1990, p. 222), evidencia que:

> A ação de planejar, portanto, não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle administrativo; é, antes a atividade consciente de previsão das ações docentes, fundamentadas em opções político-pedagógicas, e tendo como referência permanente as situações didáticas concretas (isto é, a problemática social, econômica, política e cultural que envolve a escola, os professores, os alunos, os pais, a comunidade, que interagem no processo de ensino).

Nesse sentido, nota-se que, em salas com crianças com necessidades educacionais especiais, a organização didática precisa estar aberta a ajustes constantes, já que esses estudantes necessitam de maior apoio físico ou pedagógico durante a realização das atividades. Além disso, é preciso entender que adaptar não significa simplificar, mas criar diferentes caminhos para a aprendizagem. Batista (2024, p. 48) destaca que adaptar o currículo para as crianças atípicas é diferente de facilitar o ensino por achar o aluno incapaz:

> As adaptações curriculares, portanto, deveriam ser um ajuste dos conteúdos trabalhados em sala para determinado aluno. Entretanto é comum vermos que, aos estudantes com deficiências ou transtornos de aprendizagem e desenvolvimento, são oferecidas atividades muito diferentes daquelas que seus colegas de classe estão fazendo.

Sob essa perspectiva, evidencia-se que, em uma turma heterogênea, existem estudantes com diferentes ritmos, interesses e maneiras de aprender. Por isso, é importante que o planejamento seja feito levando em conta essa diversidade, deixando de lado uma concepção pedagógica rígida centrada apenas na transmissão de conteúdos, que tende a excluir, mesmo sem intenção. “Não se inclui ninguém com uma pedagogia restritiva e em salas onde o professor interage consigo mesmo ou com conteúdo de sua disciplina, enquanto os alunos dispersos e apáticos pensam durante as aulas em algo melhor para fazer.” (Cunha, 2022, p.100)

Por isso, destaca-se que o processo de planejamento deve ser contínuo e flexível para se adaptar às diferentes realidades da sala de aula e atender às diferentes demandas dos alunos, a fim de fazer com que todos tenham uma aprendizagem significativa, cada um ao seu modo. Ademais, enfatiza-se a importância da escuta dos alunos para a elaboração de um planejamento consciente e inclusivo e, com isso, da reelaboração de propostas condizentes com as necessidades da turma.

O PIBID traz essa oportunidade de o docente em formação ter contato constante com a escola e com turmas diversas, permitindo que os pibidianos aprendam a planejar a partir da observação, da prática e do diálogo com a professora supervisora. A partir dessas experiências constantes e dessa troca entre todos, o pibidiano constrói sua identidade docente e, com o passar do tempo, leva essas aprendizagens que teve no PIBID e na universidade para dentro da sua própria sala de aula, sendo agora o regente. Conforme destaca Mantoan (2015, p.35):

> Por tudo isso, a inclusão é produto de uma educação plural, democrática e transgressora. Ela provoca uma crise escolar, ou melhor, uma crise de identidade institucional – que, por sua vez, abala a identidade fixada dos professores e faz que

> seja ressignificada a identidade fixada do aluno. O aluno da escola inclusiva é outro sujeito, que não tem identidade determinada por modelos ideais, permanentes, essenciais.

2. Os desafios presentes em salas de aula com alunos diversos

É notório o impacto que um aluno de pedagogia em fase de formação pode sofrer ao se deparar com uma sala de aula com muitos alunos que necessitam de um planejamento diferenciado e de um maior zelo pedagógico. Com isso, é comum que haja insegurança e medo de fazer algo errado, já que a diversidade está presente no cotidiano de cada cidadão, porém não são todos que veem aquela pessoa que também tem direitos e deveres e que por isso deve ser levada em consideração em qualquer decisão que precise ser tomada. Lopes; Borges (2015, p.13), dialogam com o medo do fracasso e a falta de controle total na prática pedagógica:

> A impossibilidade a que nos referimos, no entanto, não é meramente o oposto de possível, não é a afirmação de que nada pode ser feito, não é o bloqueio das possibilidades. Afirmar a impossibilidade do projeto de formação docente significa afirmar a impossibilidade de plenitude, a impossibilidade de identidades plenas, a impossibilidade de previsão e cálculo sobre a formação.

É complexo pensar na melhor maneira de planejar atividades que contemplem todos os alunos ao mesmo tempo. Além disso, é importante ressaltar que são professores em formação, sem experiência, que ainda estão aprendendo a como dar aula e construindo sua identidade profissional. De acordo com Libâneo (1990, p.227), destaca-se a importância do trabalho docente como prática social:

> Ao planejarem o processo de ensino, a escola e os professores devem, pois, ter clareza de como o trabalho docente pode prestar um efetivo serviço à população e saber que conteúdos respondem às exigências profissionais, políticas e culturais postas por uma sociedade que não alcançou a democracia plena.

Nessa perspectiva, é possível sinalizar que dentre os desafios, destacamos a falta de recursos, materiais adaptados e tempo para planejamento também podem ser um forte indicativo de como as aulas serão desenvolvidas. Nesse contexto, mesmo com base teórica o pibidiano, precisa confeccionar seus próprios materiais, buscando assegurar práticas inclusivas e lúdicas. Essa realidade evidencia que a formação docente vai além de conceitos, sendo uma junção entre teoria e prática, principalmente quando o futuro professor precisa criar estratégias para que todos os alunos participem e evoluam, cada um dentro do seu próprio espaço. A formação docente exige que o futuro professor aprenda não apenas conteúdos, mas também modos de ensinar. Nessa perspectiva, Bacich e Moran (2018, p.77), afirmam que:

> Atuando na formação de futuros professores, uma de nossas preocupações diz respeito a conduzir processos de ensino e aprendizagem que permitam aos estudantes aprender, simultaneamente, conteúdos específicos da disciplina e procedimentos didáticos inovadores que possam ser utilizados no exercício da docência.

Nesse sentido, é fundamental a adaptação constante das práticas, pensando sempre que o planejamento feito inicialmente nem sempre acontece como previsto e, por isso, é preciso

refletir sobre como o planejamento está se desenvolvendo na prática para evitar a improvisação. A partir do planejamento consciente, percebe-se que nem tudo sai da maneira como é colocado no plano de aula, porém é com base nisso que os próximos planejamentos se desenvolvem, sempre buscando melhorias que tornem a prática mais organizada. Libâneo (1990, p.228) ressalta a autonomia que o professor tem que ter dentro de sala para adaptar os planos de aula visando atender a realidade da turma:

> A conversão dos planos e programas oficiais em planos de ensino para situações docentes específicas não é uma tarefa fácil, mas é o que assegura liberdade e autonomia do professor e a adequação do ensino às realidades locais. Além disso, nenhum plano geral nenhum guia metodológico, nenhum programa oficial tem respostas pedagógicas e didáticas para garantir a organização do trabalho docente em situações escolares concretas.

Portanto, é a partir das dificuldades que surgem na vivência da sala de aula que o pibidiano desenvolve o seu planejamento e a sua identidade profissional, como objetivo de aprimorar as práticas pedagógicas, a fim de torná-las mais inclusivas.

3. A importância do PIBID na formação docente para a educação inclusiva

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é uma política pública do Governo Federal brasileiro, por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que oferta bolsas a estudantes de cursos de licenciatura em universidades públicas e privadas. O programa é uma ação do governo que liga a escola à universidade por meio de vivências dentro da escola para professores em formação, permitindo um contato prévio com a realidade escolar. Uma das contribuições do PIBID para a formação de professores é trabalhar a teoria na prática, fortalecendo o vínculo entre teoria e prática. Nesse sentido, Libâneo; Pimenta (1999, p. 268) defendem que:

> Alguns desses cursos implantaram propostas inovadoras de formação com importantes resultados sociais e profissionais, principalmente quando sua clientela é composta de professores que já atuam nos sistemas de ensino. Tem sido frequente nesses cursos tomar a prática docente como objeto de formação teórico-prática, contribuindo para ampliar o conhecimento no campo da formação de professores.

Dessa maneira, o contato com a escola durante o período de formação aumenta o entendimento do pibidiano sobre como fazer a inclusão, visto que durante o planejamento é feita uma reflexão sobre quais materiais levar para que todos possam participar. Com a prática, é possível observar a diversidade que, na universidade, é trazida de maneira teórica, fazendo com que a teoria se traduza na prática. A partir desse programa, o universitário pode vivenciar a prática da profissão docente em seus mais diversos eixos. Sob essa perspectiva, Nóvoa, 1992, p. 9, reflete que:

> Os programas de residência docente, baseados numa analogia com a residência médica, são da maior importância, desde que concebidos como um espaço de transição entre a formação e a profissão. Eles não devem servir para diminuir a formação inicial e, muito menos, para políticas racionalizadoras de gestão que podem

> acentuar a precariedade e relações de trabalho mais frágeis. Uma vez que se trata de cuidar da entrada da profissão, estes programas devem sublinhar a profissionalidade docente, na pluralidade das suas dimensões, e não apenas o referencial pedagógico.

É preciso analisar essas vivências do PIBID para trabalhar verdadeiramente a inclusão dentro e fora da sala, contribuindo para a formação de professores mais sensíveis frente às diferenças. Ademais, essa experiência deve trazer para o professor em formação um olhar mais empático, uma busca por entender e aprender, e uma mente aberta para escutar as observações e apontamentos que são trazidos pelos alunos. É fundamental entender os alunos, sejam eles típicos ou atípicos, como seres capazes de evolução, pois só assim pode acontecer uma inclusão verdadeira dentro da sala. Ao refletir sobre a importância de enxergar as potencialidades dos estudantes, Batista (2024, p. 49) afirma que:

> Quando se age assim, mesmo sem intenção, deixa-se de olhar para os estudantes como seres capazes, com potencialidades, partindo do pressuposto que determinada criança ou jovem não conseguirá participar da proposta. Dessa maneira deixa-se de incentivar sua curiosidade, suas descobertas, as experiências possíveis e as produções autorais, além de restringir seu convívio social, pois o aluno é separado da turma.

A inclusão vivenciada no PIBID é bastante discutida de maneira teórica na universidade, o que possibilita essa junção entre teoria e prática. O PIBID permite ao universitário aplicar conceitos discutidos dentro da sala da faculdade, como montar um plano de aula e quais são as bases para alfabetizar uma criança na perspectiva do letramento. Nesse sentido, destaca-se que é necessária uma construção coletiva do conhecimento para reconhecer e trabalhar as diferenças. Sob esse viés, Mantoan (2015, p. 78) afirma que:

> Ensinar a turma toda reafirma a necessidade de se promover situações de aprendizagem que formem um tecido colorido de conhecimento, cujos fios expressam diferentes possibilidades de interpretação e de entendimento de um grupo de pessoas que atua cooperativamente, em uma sala de aula.

Logo, a atuação como pibidiano dentro do programa contribui significativamente para a formação da identidade docente dos licenciandos, pois o contato frequente com as escolas ajuda a entender que caminhos seguir, se deseja continuar trabalhando dentro da sala ou explorar outras áreas que a licenciatura permite. Além disso, a participação no programa enriquece não só o conhecimento profissional de como agir e quais estratégias utilizar dentro da sala, como também ajuda a construir um olhar inclusivo, que vê o aluno não como um receptor de conhecimento, mas como alguém capaz de desenvolvimento e que precisa de orientação.

4. A relação entre planejamento, inclusão e aprendizagem dos alunos

O planejamento não está relacionado somente à organização da aula, mas também a entender a forma como os alunos aprendem e moldar esse planejamento com base nisso. É necessário compreender quais estratégias funcionam naquele espaço com aquela turma, para assim garantir a participação e o interesse de todos pela aula. “Saber em que pé estão os alunos

(suas experiências, conhecimentos anteriores, habilidades e hábitos de estudo, nível de desenvolvimento) é medida indispensável para a introdução de conhecimentos novos e, portanto, para o êxito da ação que se planeja." (Libâneo, 1990, p. 228)

É de suma importância entender que incluir não se resume à presença física do aluno dentro da sala, pois é preciso participação efetiva no processo de aprendizagem. Assim como os demais, as crianças com necessidades educacionais especiais também necessitam de uma aprendizagem significativa. Com isso, o planejamento precisa levar em consideração objetivos acessíveis e estratégias adaptadas para garantir a participação de todos. Sob essa perspectiva, evidencia-se que a organização escolar ainda se fundamenta em uma lógica que divide os alunos para atender às diversas demandas, partindo do pressuposto de que não podem evoluir conjuntamente. Essa estrutura segmentadora reforça práticas excludentes, como explica Mantoan (2015, p. 23):

> Os sistemas escolares relutam muito em mudar de direção porque também estão organizados em um pensamento que recorta a realidade, que permite dividir os alunos em normais e com deficiência, as modalidades de ensino em regular e especial, os professores em especialistas e nesse e naquele assunto. A lógica dessa organização é marcada por uma visão determinista, mecanicista, formalista, reducionista, própria do pensamento científico moderno, que ignora o subjetivo, o afetivo, o criador, sem os quais não conseguimos romper com o velho modelo escolar para produzir a reviravolta que a inclusão impõe.

Dessa forma, é preciso entender quais são as melhores estratégias pedagógicas para cada turma, levando em consideração que não é porque alunos atípicos presentes em uma turma têm a mesma deficiência que a estratégia será a mesma. Deve-se utilizar atividades diversificadas, uso de recursos audiovisuais, como filmes e músicas, e metodologias ativas. Com o uso de estratégias diferenciadas, aumenta-se o interesse e reduzem-se as barreiras da aprendizagem. "As metodologias ativas constituem alternativas pedagógicas que colocam o foco do processo de ensino-aprendizagem no aprendiz, envolvendo-o na aprendizagem por descoberta, investigação ou resolução de problemas." (Bacich; Moran, 2018, p. 27)

A partir da avaliação contínua, o pibidiano pode acompanhar o progresso dos alunos e compreender o que precisa, ser ajustado no planejamento. Logo, a avaliação passa a ser um instrumento valioso para entende como está a aprendizagem dos alunos, sendo vista como algo fundamental no processo de inclusão. Como analisa, Bacich; Moran (2018, p.86):

> Ao pensarmos em mudanças no contexto educacional, não podemos nos esquecer de rever os modelos de avaliação. De um modo geral, sempre que se faz menção aos processos avaliativos, que são considerados unilateralmente, ou seja, apenas do professor em relação aos alunos, quando deveriam ser concebidos em via dupla, além de abarcar um espaço para a autoavaliação, que deve ser realizada pelo aluno e também pelo professor.

Consequentemente, o planejamento torna-se intencional, visando ao aprendizado e à inclusão de todos os alunos. Essa relação entre planejamento e aprendizagem reforça que o

professor exerce um papel que ultrapassa a mera transmissão de conteúdos, assumindo uma função social comprometida com a formação consciente de cada criança.

Resultados e Discussões

Este artigo tem como objetivo principal refletir sobre como planejar de forma intencional visando incluir todos os alunos. A partir da análise teórica percebe-se que o planejamento pedagógico vai além de organizar uma aula. Ele precisa ser elaborado de maneira consciente das diversidades encontradas em sala, reconhecendo as singularidades dos estudantes e entendendo quais as melhores estratégias para garantir a participação de todos os alunos. Como destaca Batista (2024) ao refletir sobre a importância de trabalhar a inclusão como uma prática coletiva, que valoriza o potencial dos estudantes e combate atitudes excludentes. Com isso, a escola torna-se um ambiente inclusivo que respeita as diferenças e enxerga o aluno com necessidades especiais como um estudante capaz de ter uma aprendizagem significativa.

A vivência no programa evidencia os desafios encontrados na escola e na universidade, destacando a incompletude da formação inicial, no que diz respeito à união da teoria e da prática. Logo, torna-se claro que a construção da identidade docente requer espaços formativos que proporcionem ao licenciando participar e refletir de experiências que unam a teoria e a prática. Dessa forma, Lopes; Borges (2015) reforçam que é impossível controlar completamente a prática docente, ou seja, a formação é incompleta porque o professor vai sempre precisar continuar se atualizando e aprendendo, inclusive o planejamento consciente precisa considerar em como cada aluno aprende.

Nesse sentido, o planejamento é uma prática que exige reflexão de como agir mediante a diversidade, incluindo todos os alunos e tornando sua participação e seu aprendizado efetivos. Alguns dos desafios enfrentados são a dificuldade em planejar para diferentes ritmos de aprendizagem, insegurança ao trazer alguma atividade que possa ser boa para todos, falta de tempo para planejar e questionamentos de como tornar os objetivos em realidade concreta. Como confirma Libâneo (1990) sobre planejamento intencional, no qual o professor precisa entender a realidade vivenciada pelo aluno para definir o planejamento pedagógico mais adequado que vai funcionar na turma, rompendo com a ideia de ensino neutro. Ademais, vale salientar que esses desafios fazem parte do processo formativo, revelando uma precarização do ensino público.

Além disso, no decorrer da participação no programa surgem tensões como a insegurança como docente em formação, a falta de recursos e a dificuldade em adaptar atividades. Todos esses pontos citados se tornam base para reflexão crítica sobre a formação

docente, que com o tempo se convertem em aprendizados e se incorporam a identidade profissional. Com isso, Libâneo; Pimenta (1999) analisam que a formação docente exige criticidade para refletir sobre a prática. Isso reforça a importância do PIBID como espaço de formação profissional, que proporciona ao licenciando uma oportunidade de reflexão sobre a prática inclusiva em um contexto de vulnerabilidade social existente na escola pública.

Sob essa perspectiva, a experiência como pibidiana contribui para formação docente de forma a trabalhar práticas mais inclusivas que ajudem no desenvolvimento da turma, como defendido por Mantoan (2015). O planejamento inclusivo combate à exclusão de alunos atípicos, demonstrando que um professor consciente planeja de forma a mediar a aula, pensando estrategicamente em aulas que façam com que todos os alunos participem. Diante disso, observa-se que um ensino mais inclusivo rompe com a ideia de que os alunos com necessidades educacionais específicas são incapazes de aprender e utiliza do planejamento consciente para procurar entender de que forma cada aluno aprende, para assim fazer com que toda turma evolua.

Por isso, nota-se que a participação no PIBID fortalece a identidade profissional, a autonomia, a segurança dentro de sala e a consciência do papel social do professor. Diante disso, Nóvoa (1992) dialoga que o professor não nasce pronto na formação, que precisa de espaços formativos como o PIBID para trabalhar a teoria dentro da prática, analisando e construindo experiências formativas. O contato com a diversidade dentro de sala ajuda o pibidiano a ter uma visão mais abrangente e crítica do papel do professor como agente mediador da educação, que tem sempre que refletir e se reinventar para se comprometer com uma educação que valorize as diferenças.

Portanto, as discussões feitas ao longo dessa pesquisa reforçam que o planejamento inclusivo é mais do que uma obrigação de carga horária, mas é uma atitude social e pedagógica que o professor deve assumir diante de uma turma diversa. Nesse contexto, Cunha (2022) fortalece a ideia de que a inclusão exige mudança na maneira como o professor conduz sua prática pedagógica. Assim, o PIBID impacta diretamente a formação docente, trazendo experiências que colaboram com a construção de práticas mais reflexivas e inclusivas.

Considerações finais

Ao longo deste estudo buscou-se refletir sobre as possibilidades de construção de um planejamento pedagógico na perspectiva da inclusão. A pesquisa teórica revelou que o planejamento pedagógico não é apenas uma ferramenta burocrática, mas também tem um valor social que busca pensar em todas as crianças, de modo a fazer com que todos os alunos participem das aulas e evoluam. Além disso, observa-se que a formação docente não acaba na

universidade, vai além das teorias e das poucas práticas vivenciadas durante o curso, por isso a importância de uma formação continuada e de sempre buscar se atualizar de novos métodos pedagógicos.

Nesse sentido, a partir dessa pesquisa percebemos ser crucial que os cursos de Pedagogia ofertem programas como o PIBID que auxiliem ao universitário ter um contato mais profundo com a escola. Evidencia-se que as experiências vivenciadas ajudam a moldar a identidade docente dos pibidianos, a partir de experiências nas escolas, mas também nas discussões feitas em grupo, que colaboram com a reflexão crítica sobre as práticas escolares. Por isso, o planejamento precisa ser feito de forma intencional, visando atender as necessidades de todos os alunos. A formação é vista como incompleta porque sempre vai existir situações que não são estudadas ou presenciadas durante o curso e que precisam ser resolvidas pelo professor, logo, para se tornar um profissional mais consciente e preparado o professor precisa enxergar a sua formação como um processo contínuo.

Portanto, reforça-se a necessidade de uma formação que considere a diversidade das escolas e prepare o futuro professor para atuar de maneira consciente e coletiva. Ademais, o planejamento inclusivo começa quando o professor abre espaço para entender a realidade de cada aluno e como planejar atividades que desafiem o crescimento dos alunos, sem incapacitá-los por conta de alguma deficiência ou transtorno.

Referências

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BATISTA, Renata Pereira. Educação especial: como tornar uma escola inclusiva. São Paulo: Panda Educação, 2024.

CUNHA, Eugênio. Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 9. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2022.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1990.

LIBÂNEO, José Carlos; PIMENTA, Selma Garrido. Formação de profissionais da educação: visão crítica e perspectiva de mudança. Educação & Sociedade, Campinas, v. 20, n. 68, p. 239–277, 1999.

LOPES, Alice Casimiro; BORGES, Veronica. Formação docente, um projeto impossível. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 45, n. 157, p. 486–507, jul./set. 2015.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2015.

NÓVOA, António. Os professores e a sua formação. In: NÓVOA, António (org.). Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 13-33.